

INICIATIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

EDIÇÃO ESPECIAL

QUILOMBOLAS PRODUZEM ARTIGOS SOBRE AS BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SEUS ESTADOS

Esta edição traz artigos escritos por articuladores e articuladoras quilombolas, a respeito das boas práticas da agricultura familiar quilombola em âmbito nacional e em cada estado envolvido na Iniciativa da Agricultura Familiar Quilombola: Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba e no Território quilombo Mesquita (GO).

Desde 2020, a Iniciativa realiza ações destinadas ao fortalecimento e ampliação da agricultura familiar, com elaboração de diagnósticos, levantamentos sobre políticas públicas, mapeamentos e cartilhas com informações que podem apoiar as atividades produtivas praticadas nos quilombos. No âmbito do projeto Diagnóstico Macro Situacional da Agricultura Familiar, a iniciativa trabalha por meio da parceria entre [CONAQ](#), [Ecam Projetos Sociais](#) e [Porticus](#).

- **Boas práticas da Agricultura Familiar Quilombola e a relação com a mitigação das mudanças climáticas**
- **Bahia**
- **Maranhão**
- **Mato Grosso**
- **Minas Gerais**
- **Paraíba**
- **Quilombo Mesquita(GO)**
- **Tocantins**

BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA E A RELAÇÃO COM A MITIGAÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICA

POR KÁTIA PENHA - COORDENADORA NO DIAGNÓSTICO MACRO SITUACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA PELA CONAQ

Emergência climática pela experiência quilombola

A cada semana a comunidade científica traz novos fatos e projeções sobre o agravamento e a aceleração das crises ambiental global. Com o desmatamento, o declínio da biodiversidade, a poluição do meio aquático e a intoxicação dos organismos pelo agronegócio, cria-se um futuro no qual a humanidade e muitas outras espécies estarão condenadas à extinção ou ao sofrimento.

Os agricultores quilombolas interpretam essas mudanças do clima como um fenômeno que vem impactando os territórios e os modos de vida, vivenciados ao longo de décadas. A percepção dos impactos decorrentes do aquecimento global tem sido relatada com frequência pelas comunidades, sendo um elemento importante a ser tratado [neste diagnóstico](#) do projeto CONAQ e ECAM. A partir desse trabalho, temos reflexões por meio da vivência e do conhecimento dos griôs, que relata essa transformação e como eles estão enfrentando e mesmo se adaptando à realidade atual, especialmente no que afeta seu modelo produtivo agrícola, extrativista e pesqueiro, causando um grande impacto a sua soberania alimentar.

Os territórios quilombolas constituíram, ao longo dos anos, seu modelo de desenvolvimento de uma agricultura viável e sustentável para a preservação do meio ambiente, contribuindo com a diminuição das emissões de gases do efeito estufa Co². Os territórios quilombolas estão virando área de especulação para o mercado de carbono, por várias empresas internacionais que desmatam e poluem a atmosfera, com suas ações desenfreadas impostas pelo poder econômico, causando grande impacto e gerando um aumento devastado na camada de ozônio.

Com isso, várias perguntas surgem nas rodas de conversas quilombolas sobre as mudanças climáticas: será por que os períodos de secas estão prolongados? Nas regiões Norte e Nordeste, quando chove, sempre são em épocas completamente diferentes das que eram! Mudanças que estão ocorrendo em todas as regiões, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Mas por que essas comunidades estão sendo tão procuradas para conversar sobre preservação ambiental?

“Levantamentos iniciais do Ministério do Meio Ambiente, que ocorreu em 2017, para a elaboração da cartilha (Gestão Territorial E Ambiental em Territórios Quilombolas), indicam que nos 279 territórios, que têm limites definidos por meio de procedimentos oficiais, há predominância de 87% de suas áreas composta por remanescentes de vegetação nativa. Além disso, há 162 territórios quilombolas sobre 110 áreas consideradas prioritárias para a conservação, sendo que 50 são classificadas como de importância

extremamente alta para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios”. Respondido!

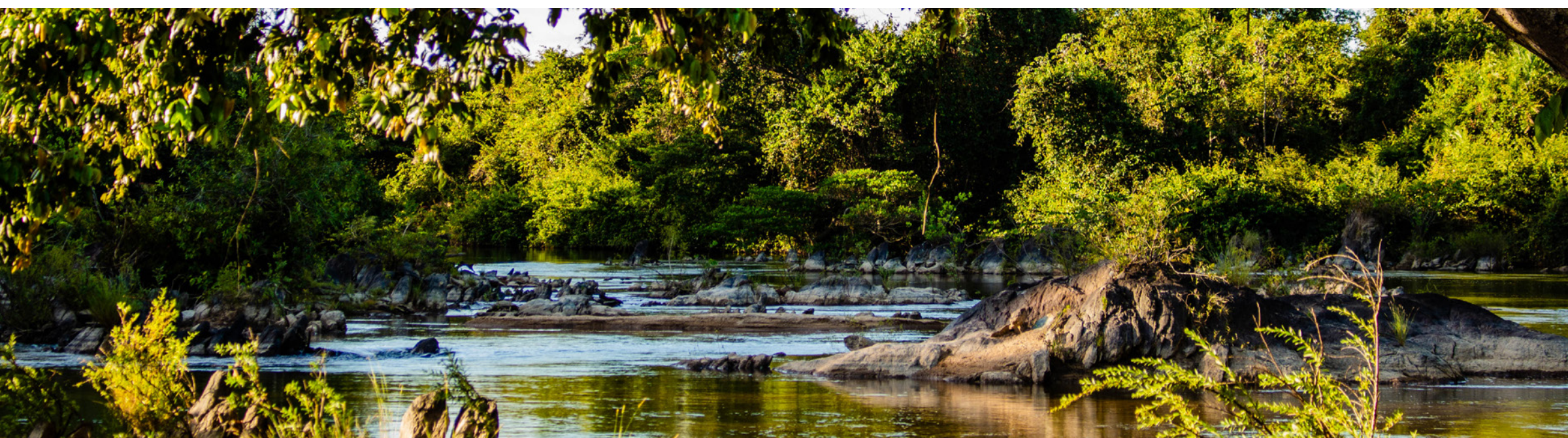
As informações reforçam a necessidade da CONAQ, junto às cooperativas, associações quilombolas e parceiros, de criar uma alternativa para a elaboração de uma política pública que reconheça a contribuição das comunidades quilombolas para a conservação da biodiversidade e os apoie na gestão de seus territórios, a partir dos seus conhecimentos, à proteção da biodiversidade e dos modos de vida.

Nesse sentido, a busca da sustentabilidade ambiental deve ser trabalhada de forma conjunta com a social e econômica de uma agricultura familiar diversificada e com especificidade de biomas, a CONAQ neste projeto precisa mapear essas experiências.

É sabido que a maioria das comunidades quilombolas vivem da agricultura familiar, do agroextrativismo e da pesca. No Brasil, a agricultura familiar é responsável por 70% dos alimentos que vão à mesa dos brasileiros (IBGE, 2006). Por meio de diferentes formas de manejo, saberes e práticas tradicionais, mesmo com essa mudança no clima, as comunidades quilombolas historicamente garantiram o uso, a manutenção e a adaptação de uma diversidade de espécies. Isso pode ser visto na riqueza do extrativismo, da produção agrícola, das espécies medicinais e florestais na diversidade dos bancos de sementes existentes nos quilombos. Estes sistemas produtivos potencializam formas da economia solidária e do etnodesenvolvimento.

Por tanto, a experiência sobre o modo de produção dos quilombolas tem várias dimensões, que faz, pensar e agir a partir do seu tempo, a agricultura quilombola está se adaptando a chamada emergência climática ou mudanças climáticas.

Foi preciso criar alternativas para que a agricultura familiar quilombola, através de experiências nos estados, compreendesse que é preciso se adaptar e recuperar os modelos tradicionais, com a junção da tecnologia e utilizando a ciência dos Griôs, para entender que estamos em época emergente e que o planeta pede socorro! Dessa forma, deixando de lado os pacotes oferecidos pelo mercado do “Agrotóxico”, é possível desenvolver uma agricultura sustentável, para a recuperação das nascentes, para a preservação da água, fazendo corredores ecológicos e para produzir alimento agroecológico, preservar e recuperar a fauna e flora, dentro dos princípios de agricultura climaticamente inteligente.



Experiência dos territórios quilombolas do ES

Saindo da contextualização nacional, onde as mudanças climáticas atingem todos os territórios quilombolas nos 26 estados da Federação e biomas. Compartilho algumas ações e resultados de experiência, com essa temática, no bioma em que vivo, no Território Sapê do Norte.

Informações sobre as boas práticas da agricultura familiar quilombola e as ações de interlocução na mitigação das mudanças climáticas são a resistência da agricultura familiar para contrapor os grandes monocultivos de eucalipto que existem em todas as 32 comunidades quilombolas. Como citei, o bioma Mata Atlântica é um dos mais prejudicados, onde sua área de cobertura do solo é de apenas 12,4%, mas que, originalmente, cobria uma área superior a 1,3 milhão km², distribuída ao longo de 17 estados brasileiros, que iam desde o Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul.

Entretanto, têm várias experiências que têm dado super certo nas comunidades quilombolas do Estado do Espírito Santo, através de projeto que gera renda a partir do reflorestamento das áreas degradadas. Naturalmente, algumas dessas ações de geração de renda são baseadas no mercado verde, em que agricultores recebem um valor para continuar preservando. Essas ações se encontram nas regiões sul e serrana do ES, mas não contemplam as comunidades quilombolas, sendo que o anúncio das metas e das áreas prioritárias, bem como demais informações necessárias para participação, acontece por meio de edital de convocação Seama/Reflorestar, no segundo semestre de cada ano. São necessários os seguintes documentos: CPF e RG; Comprovante de residência; Certificado de Cadastro do Imóvel Rural – CCIR ou outro documento que comprove a posse da propriedade a ser atendida; Certidão Negativa de débitos federal, estadual e municipal.

O Projeto Reflorestar é uma iniciativa do Governo do Estado do Espírito Santo que tem como objetivo promover a restauração do ciclo hidrológico por meio da conservação e recuperação da cobertura florestal, com geração de oportunidades e renda para o produtor rural, estimulando a adoção de práticas de uso sustentável dos solos.

Já na região norte, onde se encontra a maioria das comunidades quilombolas, a mata nativa deu lugar às plantações de cana de açúcar, eucalipto e pastagem, mas ao mesmo tempo existem experiências de agricultura familiar que se contrapõem ao modelo do agronegócio. Essas adaptações estão sendo geridas pela resistência de uma agricultura familiar quilombola para a diminuição dos impactos ambientais, sociais e

econômicos na região.

As matas nativas deram lugar às plantações de cana-de-açúcar, eucalipto e pastagem, mas que ao mesmo tempo existem experiências de agricultura familiar, que continuam na resistência para a diminuição dos impactos econômicos.

Mas o impacto das mudanças do clima ainda é muito visível. A cada ano, é percebido pelos agricultores a escassez da chuva, as temperaturas, que só aumentam, os grande períodos de secas e até mesmo as catástrofes causada pelas chuvas em época adversas – bem diferente de décadas anteriores quando o agricultor preparava a terra para plantio em tal época, por ser o mês das águas, e utilizava a marcação da lua como período fértil para germinação. Essas e outras previsões ancestrais estão se perdendo na história, consequência das mudanças climáticas.

Por exemplo, há comunidades que tiveram que alterar suas atividades e fontes principais de renda por conta da seca de uma lagoa. Abandonaram a pesca e intensificaram a criação bovina, o que degradou muitas áreas de vegetação e cobertura do solo. Hoje, na casa de cada agricultor é raro não ter um medidor de chuva, alternativa para saber a quantidade de milímetro caído na terra, gerando expectativa de uma boa colheita.

Aqui, com o passar dos anos, os agricultores têm se adequado e buscado alternativas para enfrentar as mudanças climáticas, para garantir que seu produto chegue nos espaços de comercialização ou consumidor direto. Como diferencial dos produtos convencionais, perpassa muito do manejo agroecológico, utilizando menos insumos agrícolas e optando por algumas técnicas praticadas pelo (SAF) Sistema Agroflorestal.

Os territórios quilombolas do ES estão aplicando essas iniciativas para reduzir a temperaturas do clima e garantir produtividade, ainda no primeiro ano, provenientes das espécies anuais (feijão, arroz, milho), hortaliças, adubos verdes (feijão-de-porco, guandu, protelaria,) e espécies semiperenes (mandioca, abacaxi, banana, mamão), podendo ser comercializadas nos primeiros 3 anos, em média. A produtividade das culturas anuais e semiperenes diminui à medida que ocorre o aumento do sombreamento e competição com as espécies lenhosas, que estão servidos para estaca de pimenta do reino, cercas, etc.

Estamos com essas iniciativas em 20 associações quilombolas dos Territórios Sapê do Norte, com projeto e parceria de empresas privadas, ongs e algumas iniciativas próprias dos agricultores.

BAHIA: BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

POR UILSON VIANA DE SOUZA E JOSÉ RAMOS DE FREITAS - ARTICULADORES ESTADUAIS

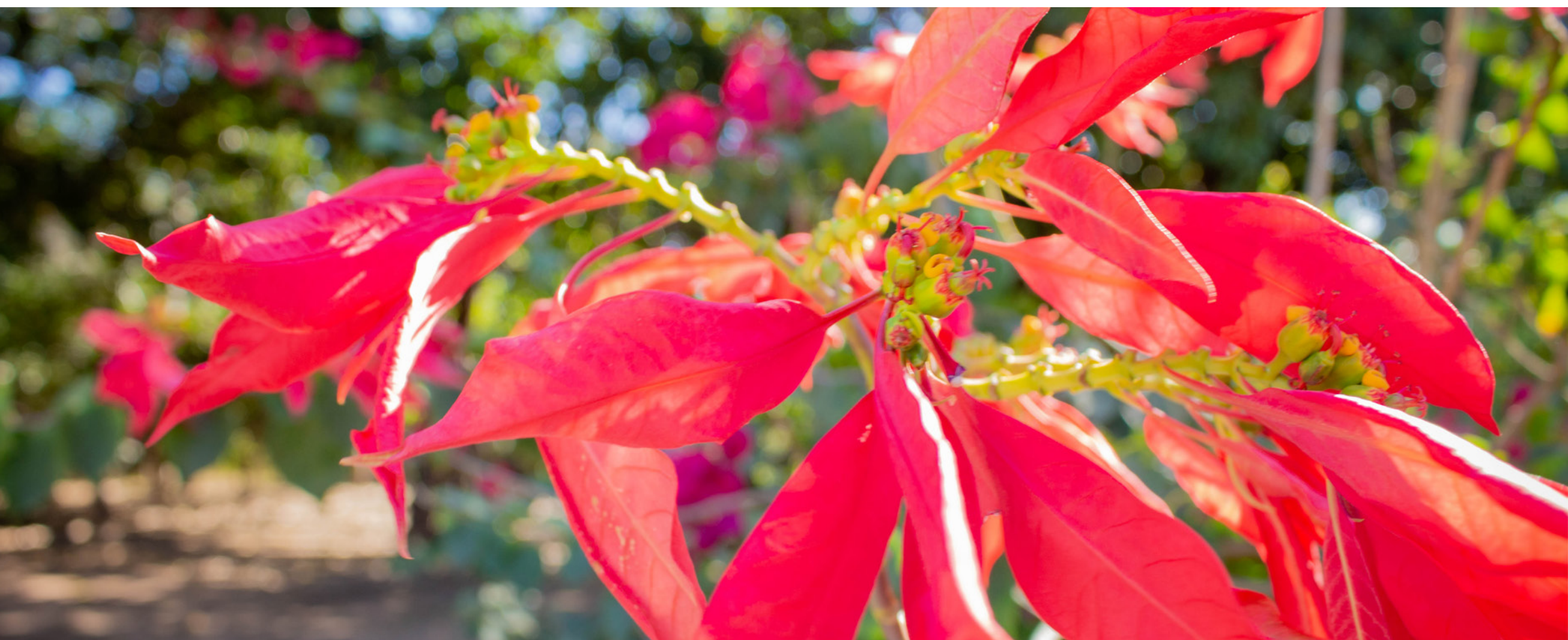
Emergência climática pela experiência quilombola

Entende-se por agricultura, a prática de cultivar o solo e dele extrair o alimento. Daqui, podemos problematizar uma série de questões, pensando a função da terra para quem dela cultiva e tira seu sustento. Por outro lado, podemos entender que, com o avanço tecnológico, a terra assumiu outras funções, que não necessariamente são de tirar o alimento, mas de servir de base para funções exploratórias por parte de grandes empresas e latifúndios. O solo por sua vez cumpre sua função produtiva, quando este é trabalhado, do contrário, é um solo não produtivo do ponto de vista de sua função agricultável — mas, do ponto de vista agrônômico, ele continua com suas propriedades físico-químicas produtivas.

Essa é uma questão muito presente no Brasil, no que se refere aos grandes latifúndios, que tem base na apropriação indevida, com o processo de grilagem de terras, e que acabam tomando as terras dos nossos agricultores, causando danos ao solo, pelo uso indevido de agrotóxico, além de retirar das mãos de quem vive e trabalha, a terra, que é a base alimentar.

Mas voltando ao conceito, a agricultura é classificada por uma ampla conceituação a partir do seu modo de uso. Ate-mos aqui a descrever sobre a agricultura de modo familiar e quilombola, entendida como aquela que se dá através do envolvimento de uma prática familiar e não patronal no cultivo e manejo da prática agricultável. No que se refere à “Familiar e Quilombola”, entende-se que é uma prática onde a agricultura familiar se dá no seio de um quilombo, diferenciando, assim, por suas práticas, forjadas na ancestralidade de cada povo, cada quilombo e de seu modo de cultivar a terra, conservando o meio ambiente. Entendemos que, pela própria relação ancestral, são nos territórios quilombolas que estão ainda as maiores áreas de terras conservadas, havendo ali um controle para extração e exploração de seus recursos de forma sustentável.

A prática da agricultura dar-se-á nos primórdios da humanidade, quando ainda nômades viviam de região para região, e ali permaneciam até que a comida disposta em matas, rios, florestas existia, já que até então eles



não sabiam cultivar. Com o passar do tempo, de acordo com estudiosos, estes homens e mulheres passaram a observar que as sementes que caíam geravam outra plantinha. Ressaltamos que esta observação para o processo do nascer de uma nova planta se deu pelas mulheres, já que os homens tinham que sair para buscar frutas, verduras, animais, pescar e trazer água. E como elas que ficavam em casa, manuseando estes alimentos, observaram este movimento da natureza. Daí para cá, inicia-se o processo das primeiras tecnologias sociais de manejo do solo, a fim de cultivar os primeiros pedaços de terra, através do uso de pedaços de madeira e ossos de animais. Em seguida, é que vão surgir as ferramentas mais modernas, como a enxada, a foice, o facão e a tração animal. Assim, cultivavam pequenos roçados com uma diversidade de plantas com o único objetivo de alimentar a família. Controlavam-se o uso do fogo e mantinha assim uma biodiversidade em harmonia com a natureza.

Isto foi alterado pela chegada da Revolução Verde, que nada mais foi que a reutilização de insumos químicos sobrados da Segunda Guerra Mundial. Os EUA passaram a oferecer para os países pobres e em desenvolvimento, como o Brasil, os pacotes agroquímicos, sob o argumento de fornecer alimento para a população, tendo em vista que com o fim da guerra muitas áreas foram destruídas e muita gente passou a sentir fome. Para tanto, havia ali um interesse em comercializar estes produtos, disseminando, assim, uma cultura capitalista de mais consumo e comercialização com único objetivo de alimentar, tendo em vista que com o fim da guerra muitas áreas foram destruídas e muita gente passou a sentir fome.

Assim, a agricultura sai de uma função meramente de subsistência para atender um apelo mundial de produção em grande escala para alimentar a nação. O território de Irecê na Bahia, por exemplo, passa por esta transição de forma forçosa, com o aval dos governos e inclusive com incentivo financeiro, através de projetos financiados por agências bancárias públicas, a exemplo do Banco do Nordeste. Órgãos de assistência técnica passam a ser criados com a intenção de manter a política agrícola com o viés da transição agroecológica para a monocultura, o que deu ao território de Irecê no início da década de 60 e 70 o título de Capital do Feijão.

Este é apenas um exemplo para ilustrar como se deu este processo, que fez mudar um modo de produção baseado na biodiversidade, na agricultura familiar de subsistência, para um grande pólo produtivo de monoculturas, que levou consigo as matas virgens, as fontes de água doce e o jeito de trabalhar das famílias, já que com a chegada do maquinário agrícola, vai-se esvaindo também os mutirões – uma das práticas ainda existentes em muitos territórios baianos entre homens e mulheres, adjuntos e todas as práticas ancestrais e grãos dos povos tradicionais quilombolas desta e das demais regiões do estado da Bahia.

Para além disto, as tecnologias agrícolas provocaram a desocupação de uma mão de obra já existente, sendo trocada por máquinas, daí nota-se as mudanças climáticas com a escassez de chuvas nas regiões de clima semiárido e do cerrado baiano. Além disto, a cultura da perfuração de poços artesanais comprometeu o lençol freático e passamos a ter problemas com o abastecimento humano de água tanto pela escassez como pelo envenenamento das nascentes.

Depois de mais de meio século deste cenário, a luta hoje é pelo resgate destas antigas e boas práticas da agricultura familiar quilombola. Para isto, as comunidades têm buscado se organizar em associações, cooperativas, sindicatos e movimentos, e tem buscado junto aos governos acessar políticas públicas que trazem de volta a preocupação com os biomas, com os mananciais e com o uso correto do solo. Podemos citar como exemplo, os projetos desenvolvidos por ONGs, associações, secretarias de agricultura, governo do estado, que têm priorizado ações voltadas para o cultivo de sementes crioulas com a construção de bancos de sementes, projetos de hortas orgânicas coletivas, construção de tecnologias sociais, como cisternas de produção para o cultivo de quintais produtivos,

beneficiamento dos produtos da agricultura familiar, como a mandioca, os frutos silvestres, dentre outros.

Entendemos que o estado da Bahia é diverso e cabe dentro dele os vários climas e biomas que aqui coexistem, a exemplo do bioma Caatinga e Cerrado, situados nas regiões Nordeste, Centro Oeste, Norte e Oeste da Bahia, com o seu clima semiárido, além dos biomas úmidos e subsumidos das regiões do Sul e Recôncavo da Bahia. Então, surge a divisão sócio-política deste estado em territórios de identidade, tendo a agricultura como um demarcador desta dinâmica e a cultura de cada povo e cada região. Nesse contexto, institui também ações e políticas para a agricultura familiar quilombola, buscando dialogar com as características de cada lugar. E nesta biodinâmica, nós acreditamos que não é possível mitigar a seca ou as enchentes, ou as mudanças climáticas, mas conviver com cada clima, buscando dialogar com os governos sobre que práticas e projetos são viáveis para cada região.

Temos percebido que o maior entrave atualmente tem sido a organização comunitária, na qual as pessoas ainda têm dificuldade de se organizar e mesmo onde existem associações, sendo que maioria delas enfrentam dificuldades com a gestão e a regularização documental, o que dificulta o acesso a projetos via editais. Nesse sentido, buscar organizar o movimento quilombola é uma luta diária, para garantir que nossas associações e comunidades acessem às políticas públicas, bem como o acesso dos territórios quilombolas ao processo de regularização fundiária, com a titulação dos mesmos, o que potencializa o processo da produção local e contribui com a mitigação da migração de nossos agricultores para os grandes centros ou para o agro e hidronegócio.

Mesmo com tais dificuldades de organização, os agricultores e agricultoras familiares quilombolas tem seu jeito próprio de se organizar a partir de cada jeito, cada modo de vida, mas respaldados na sua ancestralidade, que acaba ligando com outro quilombo. Assim, o modo de produção, no caso da Bahia, é respaldado por esta diversidade, tanto do ponto de vista de território, como de clima, biodiversidade e condições locais. Deparamos com realidades diversas, do ponto de vista da cultura de consumo e produção. Na região semiárida, por exemplo, há agricultores cultivando e produzindo tanto para o consumo, como para a produção no sistema sequeiro e irrigado. Há experiências locais de beneficiamento de frutas da Caatinga, como o umbu, a acerola, a manga, o maracujá, os quais são processados em cozinhas comunitárias ou nas próprias casas e transformados em geleias, sucos, polpas, além do processamento de outras culturas, como a mandioca.

Essas iniciativas têm contribuído para a melhoria da renda familiar, principalmente no que diz respeito à autonomia das mulheres, por estarem à frente de empreendimentos e iniciativas, além de agregar valor à produção. A produção de modo agroecológico e de procedência orgânica tem sido outra alternativa crescente na Bahia. A partir do processo de certificação participativa, os agricultores familiares orgânicos têm buscado sua certificação e tem disputado os mercados institucionais e convencionais. A comercialização para todos estes eixos mantém-se como um grande desafio, mas os programas e políticas de comercialização, com base nos mercados institucionais, tem se mostrado um forte catalisador na melhoria deste cenário, além de feiras quilombolas, exposições, intercâmbios, dentre outras alternativas de divulgação dos produtos da agricultura familiar quilombola. Tudo isto desponta como alternativas para repensar a proposição e replicação de políticas públicas voltadas para cada contexto, sem perder o foco nas questões de identidade, ancestralidade e preservação de nossas áreas de preservação ambiental.

No caso da Bahia, temos um governo que tem um olhar para agricultura familiar, por outro lado esbarra na falta de sensibilização para a regularização das terras devolutas, onde somam mais de 80% e onde habitam muitos territórios quilombolas, além de lidarmos com o processo burocrático dos serviços cartoriais de registro.



MARANHÃO: BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

POR IVO FONSECA SILVA, CÉLIA CRISTINA DA SILVA PINTO E GARDENIA MOTA AYRES - ARTICULADORES ESTADUAIS

As comunidades quilombolas possuem em seus modos de ser, fazer e viver, práticas consideradas tradicionais. A tradição aqui não reclama uma associação à temporalidade, ao ultrapassado, ao arcaico ou entrave ao desenvolvimento capitalista, ao contrário, o tradicional envolve o respeito à diversidade sociocultural desses grupos, que está intimamente ligada ao controle territorial e as habilidades destes no uso consciente e na preservação dos recursos naturais. Logo, as práticas tradicionais das comunidades quilombolas estão em conformidade com a formação de territorialidades específicas, com os modos de constituição de unidades familiares, com as formas de mobilizações políticas e com as reivindicações de direitos que vão sendo (trans)formados a partir das dinâmicas locais.

Os quilombolas lutam pela permanência nos seus territórios, fazendo suas intervenções políticas em busca da concretização dos seus direitos garantidos constitucionalmente. A titulação definitiva dos territórios coletivos é a principal demanda do Movimento Quilombola, que tem sua organicidade política nas esferas local, municipal, estadual, nacional e internacional. Essas organizações são apoiadas por organizações sociais, governamentais e não governamentais, que lutam por direitos territoriais coletivos e buscam instrumentos que auxiliem e ampliem o desenvolvimento da Agricultura Familiar Quilombola.

Dentre as práticas das comunidades quilombolas, a Agricultura Familiar, com status de atividade sociocultural e socioambiental, é central na definição das formas de apropriação do território e do uso dos recursos naturais, pois, se constitui enquanto modo de fazer coletivo imprescindível para a sobrevivência das comunidades. A prática da Agricultura Familiar e seus prováveis resultados, inclusive ambientais, está relacionada diretamente com a segurança territorial e à segurança alimentar, e transcende valores econômicos, pois a consciência no uso dos recursos naturais e os modos de partilha de frutos/sementes e troca de força de trabalho, superam valores comerciais. A prática da Agricultura Familiar nas comunidades quilombolas assegura um conjunto de interdependência e relações sociais entre e para além dos núcleos familiares e comunidades, indispensáveis para o reconhecimento da existência coletiva.

A feitura de roças é uma das atividades da Agricultura Familiar mais praticadas pelas comunidades quilombolas no Maranhão. Roça é uma palavra que temos conhecimento desde os nossos antepassados, são conhecimentos transmitidos de pais e mães para filhos e filhas. Para nós, a roça carrega vários significados, dentre eles: força do trabalho, alimentação e geração de renda. A relação dos quilombolas com a roça é a sustentação da nossa segurança de vida em todos os tempos. A base de produção dos alimentos dos quilombolas é a roça, onde a força do trabalho é coletiva, por meio de troca de dias ou ganhar dias, cada dia pode ter um grupo de cinco a dez pessoas trabalhando em forma de mutirão. A produção é do dono da roça e há uma rotatividade dos trabalhos.

Fazer roça tem o seu passo a passo, que são estes: marcar o mato, fazer a picada, roçar, queimar o roçado, limpar e arrumar as lenhas ou fazer coivara, escolha das sementes, capinar e abater. Todas essas atividades, além de fortalecer a organização comunitária e gestão do território, são pilares da cadeia produtiva das comunidades quilombolas. Portanto, a roça é a vida, é respeitar a natureza e conviver coletivamente para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do Quilombo.

A chamada roça de toco, com a realização do desmatamento e posterior queimada, cercamento e limpeza do terreno para o plantio, ainda é predominante. No entanto, essa prática é cercada de cuidados, com vistas a mitigar danos ambientais. Importante mencionar que a prática de queimadas para a feitura de roças, promovida nas comunidades, tem baixo impacto ambiental, se considerarmos as grandes extensões desmatadas e queimadas para atender o agronegócio e o setor agropecuário. Não obstante, mesmo com o baixo impacto das queimadas, os estudos sobre roça sem fogo têm avançado e vêm sendo experimentados no Maranhão, assim como a percepção dos grupos sobre o esgotamento do solo, mudanças climáticas e conscientização sobre os impactos ambientais.

Na feitura de roças, podemos elencar algumas práticas que podem apoiar nas ações para reduzir os efeitos das mudanças climáticas, observando que o calendário para fazer roças é influenciado diretamente por essas mudanças, haja vista que obedece e depende do período e frequência das chuvas.

Cuidado na escolha do local para plantio da roça, considerando o período de descanso do solo:

- Os locais escolhidos consideram a não derrubada de árvores centenárias, árvores frutíferas ou em vias de extinção.
- Durante as queimadas, são tomados cuidados para que o fogo não se propague para além da área demarcada para a roça, como fazer aceiros.
- As roças não devem ser feitas em locais que comprometam as fontes de águas, o percurso de rios e riachos.
- As roças respeitam os locais consagrados aos cultos afro-religiosos das comunidades, em regra, locais com árvores frondosas e fontes de água.
- Para fazer as roças, as comunidades não sacrificam áreas de juçarais, babaçuais e buritizais, fontes de alimentos, preservação de recursos ambientais.
- Em regra, as comunidades quilombolas, em suas práticas da Agricultura Familiar, não utilizam produtos agrotóxicos em seus modos de produção e conservação de produtos e sementes.

Demais práticas de agricultura como as hortas, plantações de quintais, canteiros de plantação de ervas e plantas medicinais, em regra não exigem desmatamentos, nem queimadas ou uso de agrotóxicos que contaminam o solo e as fontes de água. Em regra, essas plantações são alimentadas pela reutilização de água de reservatórios.

Por isso, para as comunidades quilombolas, é muito importante deter o controle territorial e ter a segurança da propriedade coletiva, demarcar de forma decisiva as intervenções para reduzir os impactos ambientais. Em comunidades com territórios em disputa, onde os conflitos são mais acirrados, uma das formas de violência, por parte dos fazendeiros ou supostos proprietários, é a destruição dos recursos naturais ou mesmo o impedimento às pessoas do uso de recursos essenciais como água potável, terra para trabalhar e construção de moradias dignas. A comunidade que tem a propriedade da terra sob seu domínio possui autonomia na gestão do território, tem mais condições de preservar e fazer o uso comum e consciente dos recursos naturais, essenciais para a mitigação dos efeitos climáticos.

No Maranhão, a luta das mulheres em defesa dos babaçuais, a criação e aprovação das Leis do Babaçu Livre, deve ser considerada uma ação prática sem precedentes para apoiar a mitigação das mudanças climáticas. A luta contra a apropriação privada dos recursos naturais, a defesa das palmeiras de babaçu, sem cercamento, sem derrubadas, tem garantido a sobrevivência e formas de resistência das mulheres quilombolas, trabalhadoras rurais, extrativistas e quebradeiras de coco babaçu.

Cabe ressaltar que em relação às comunidades quilombolas e as comunidades rurais, as políticas públicas operam favorecendo as classificações tidas como oficiais em detrimento das identidades específicas. Em se tratando do cenário da Agricultura Familiar, esta classificação apresenta para os quilombolas muitas reflexões, pois os gestores públicos classificam e publicam os programas da chamada Agricultura Familiar Quilombola, mas nas entrelinhas inexistem um plano específico de investimento para esses grupos, nós somos incluídos em programas com propostas genéricas. O planejamento não é compartilhado, não tem recursos financeiros e investimentos são insuficientes, os programas são paliativos, a assistência técnica esporádica. Existe o preconceito de que as práticas tradicionais não combinam com a modernidade, devem permanecer manuais, com reminiscências escravagistas. A reprodução de estereótipos racistas faz com que os programas e projetos não proponham a mecanização e grandes investimentos em territórios quilombolas, pois se negam a tratar práticas tradicionais associadas às novas tecnologias.

Por fim, as comunidades tradicionais têm sido apontadas como grandes responsáveis por práticas de preservação ambiental que podem servir para apoiar a mitigação das mudanças climáticas. Mas, para isso, a Agricultura Familiar Quilombola e seus programas de incentivo devem ser pensados e planejados no chão das comunidades, acompanhado da incidência política dos quilombolas e seus modos de fazer particulares. O mundo precisa ser entendido e trabalhado em fase da multiplicidade de vínculos e articulações entre diferentes atores sociais, agentes econômicos e setores que operam nos diversos territórios, pois as nossas práticas tradicionais locais podem oferecer alternativas com repercussão em escala global.



MATO GROSSO: BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

POR OILDO FERREIRA - ARTICULADOR ESTADUAL

Sou Oildo Ferreira da Silva, filho, neto, bisneto e tataraneto de quilombolas, nasci e cresci na cidade pacata de Nossa Senhora do Livramento, estado do Mato Grosso. Meus pais são minhas inspirações, assim como minha vó materna, Mãe Rosa, e minhas tias e tios, aos quais devo toda minha obediência, pois com essas pessoas aprendi o ofício da vida que é trabalhar na roça para garantir a nossa sobrevivência.

Desde muito cedo, quando não estava na escola, eu e meus irmãos acompanhamos meus pais e avós nos trabalhos das roças, com isso fomos aprendendo os modos de como fazer e a importância das práticas dos saberes quilombolas. A roça de toco foi um fator predominante na luta em defesa de nossas terras. Na época, o fazendeiro cortava a nossa produção e nós sempre persistimos, mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas, sempre plantamos o dobro, como meio de intensificar a nossa permanência na propriedade, onde os nossos ancestrais ali habitavam.

A agricultura familiar quilombola, embora seja árdua, é específica para nós, pois trabalhamos nas roças de toco, de onde advém a nossa sobrevivência, e, por isso, entendemos o valor que as roças de toco tem aqui no quilombo, tendo em vista que a produção de subsistência de modo geral, para o meu povo, foi o meio de resistência para continuarmos dentro de nossas propriedades, mesmo diante das investidas de maneira negativa pelos fazendeiros, querendo usurpar das áreas quilombolas que não lhes pertenciam.

A roça de toco é aquela onde o trabalho é feito braçalmente, usando várias pessoas no processo. O primeiro momento é escolher uma área que já havia sido cultivada, e as famílias deixaram virar capoeira, conhecido como área de descanso. Assim, após 05 anos, retornam a cultivar nessa área. Com a escolha do local, as pessoas se reúnem em muxirum, para fazer a derrubada das árvores que se encontram no determinado local, para isso utilizam de foice, machado e até mesmo motosserra.

Depois da derrubada, deixa alguns dias as árvores ficarem secas, daí em coletividade, fazem os aceiros em torno do local que será a roça, evitando que quando a roça for queimada, não ultrapasse em outras áreas. Após queimar o roçado, o mesmo fica cheio de toco, aí, mais uma vez, o muxirum é importante, porque reúne as pessoas para fazerem a limpeza, retirando alguns galhos do meio do roçado. Porém, os tocos permanecem dentro das roças, a qual origina-se a roça de toco, aquela que é desbravada pelos próprios braços dos quilombolas – feita de maneira controlada, sem danificar a natureza. Inclusive as cinzas, assim como os restos que ficam nos roçados, servem de adubo para fertilizar o solo. Com todo o processo feito no roçado, já se pode semear as sementes.

A minha experiência, bem como da minha família, inicia com o trabalho nas roças de toco, de onde advém toda nossa produção para suprir as nossas necessidades – e o excedente nós vendemos. Aqui na roça, sempre trazemos conosco ensinamentos dos nossos ancestrais, em que a fase da lua é predominante para conseguirmos semear as sementes, colher a produção e principalmente preparar o solo. Apesar de que, atualmente, as mudanças climáticas têm interferido muito nos modos de produção, pois o

aumento do efeito estufa e a falta de chuva têm sido fatores predominantes na interferência de produção.

O preparo da roçada inicia sempre no mês de maio estendendo até o mês de setembro, no qual várias famílias se reúnem em forma de muxirum (trabalho coletivo), uma ajudando a outra, possibilitando que suas roças sejam limpas e preparadas, bem como semeadas.

Aqui na comunidade, trabalhamos a agroecologia, inclusive as nossas sementes são crioulas, pois somos guardiões de sementes através dos ensinamentos dos nossos ancestrais – onde guardamos o arroz em tuia, o milho no paiol e as demais sementes misturamos com cinzas para não carunchar. Dessa maneira, temos sementes que cultivamos de um ano para outro. Aqui, não compramos sementes híbridas, porque entendemos que os conhecimentos dos nossos ancestrais são importantes para os mantermos vivos, perpassando os saberes de geração em geração.

Ressalto que, na comunidade Mutuca, temos o famoso milho crioulo caiano, que ganhou uma visibilidade muito grande, pois está espalhado no estado de Mato Grosso e fora do estado – ele é conhecido principalmente pelas espigas que são graúdas e resistentes.

Os nossos conhecimentos também estão ligados às ervas medicinais. Aprendi com meus pais a importância e o poder das ervas, inclusive utilizamos nas nossas roças para combater pragas, como o angico, para pulverizar no feijão, e dentre outras inúmeras situações que podemos usar, seja na questão medicinal, alimentação e outras. Um exemplo é quando quebramos um braço, usamos melado de aroeira para cicatrizar a quebra. Esses têm sido nossos conhecimentos.

Ano passado, tivemos momentos críticos em relação à queimada no Pantanal, que prejudicou muitas famílias, pois tiveram suas roças queimadas. Sem falar na questão climática, que interferiu negativamente na produção e impossibilitou às famílias de conseguirem o seu próprio alimento, passando por dificuldades. No lugar da chuva, nós tínhamos chuvas de fumaça, o céu coberto de fumaça. Foi um momento muito crítico, pois nunca vivi uma situação como essa. Mas enfim a chuva chegou, embora a cada ano ela esteja diminuindo e ficando cada vez mais escassa.

Além de produzirmos o alimento, ainda temos os animais que perderam o seu habitat e acabam vindo para as nossas roças e comendo a nossa produção. Neste sentido, a comunidade Mutuca e a Fase, candidataram junto à FAO, o Muxirum quilombola como um sistema das práticas tradicionais, por entender que esses conhecimentos são riquíssimos e importantes para a população quilombola, pois não destruimos as nossas áreas, apenas usamos aquilo que é essencial para nossa produção de alimentos e processos de rotatividade, nos quais deixamos a área descansar por uns cinco anos e depois retornamos para a área que já havia sido cultivada.

Enfim, as boas práticas de produção perpassam, principalmente, pela valorização dos modos e saberes tradicionais quilombolas. Produzimos alimentos saudáveis para saciar a fome e manter os nossos conhecimentos ancestrais presentes.



MINAS GERAIS: BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

POR MARIA NILZA E ALCIONE MENDES - ARTICULADORAS ESTADUAIS

Relato sobre as comunidades quilombola de Santa Cruz de Ouro Verde de Minas, Comunidade Quilombola de Três Barras, Buraco, Cubas e as demais localizadas pelas redondezas dessa região.

Há alguns anos, muitos quilombolas decidiram deixar de plantar, e por algumas influências, resolveram criar gados em espaços minúsculos de terra. As famílias vivem em pequenas propriedades para um número grande de pessoas, onde não há, muitas vezes, como ter grandes plantações, porque sabemos que poucas comunidades quilombolas tiveram a titularização das terras. Além disso, muitos deixam de plantar, para a criar gado, e acreditando que vão ter uma geração de renda maior, provocam desmatamento.

Com essa nova realidade, tivemos impactos bem visíveis e devastadores, como muita erosão, fazendo com que as estradas, muitas vezes, ficassem sem condições de serem utilizadas. 2015 foi o ano que mais evidenciou esse impacto, com ocorrência de muita seca, pois muitas nascentes haviam secado por causa do desmatamento.

Quando as comunidades, através do Vandeli, iniciam o processo de identificação e de certificação das comunidades quilombolas, dá-se um passo ao novo rumo, buscando assim caminhos e alternativas para a sustentabilidade sem agredir o meio ambiente.

Infelizmente, a sociedade capitalista implantou que o bom eram as comidas enlatadas, que as verduras e frutas melhores eram aquelas com tamanhos e cores mais exuberantes. Isso acaba desmotivando muitos agricultores a plantarem e desvalorizam as pequenas produções sem agrotóxicos, quando levada às feiras para vender.

Depois das certificações das comunidades quilombolas, houve mais trabalho coletivo, palestras, mutirão, cursos, feiras, como a do canjerê, realizada pela CONAQ e parceiros, entre outras feiras e iniciativas que fizeram toda diferença ao longo de todo esse tempo. O acesso de muitos jovens nas Universidades Federais ajudou muito a mudar a maneira de agir e pensar, porque por mais mecânica que sejam essas universidades, lá conseguimos ter dimensão do tesouro que temos e de como tão mal utilizamos essa potencialidade.

Percebe-se que há uns 5 anos, mais ou menos, o olhar do povo quilombola mudou e com isso nosso meio ambiente também. Por mais que muitos ainda tenham algumas vacas, as plantações e hortas ganharam mais espaço. Costumo dizer que, no quilombo Santa Cruz, 2020 foi o ano que mais plantaram e produziram. Acredito que seja pelo efeito da pandemia, por ficarem mais em casa.

Um exemplo disso é meu pai, que trabalha em São Paulo. Eu não me lembro quando foi que ele ficou tanto tempo em casa, e nessa pandemia ele ficou uns 6 meses. A família plantou muito, assim colhemos feijão, milho

e amendoim. Fazia tempo que não via tanta fartura, mas o principal de tudo isso é ter iniciativas, organizações, projetos e entidades que ajudam no escoamento desses produtos. E hoje, as erosões das terras estão bem menores, conseqüentemente levando menos terras para as estradas e nossas matas aumentaram muito.

Com os cursos, foi muito trabalhada a técnica de Sistema Agroflorestal (SAF). Muitos utilizam a técnicas da biodiversidade nas hortas, adubagem orgânicas, utilizações inteligentes de utilizar algumas plantas com inseticidas naturais, preservação e reflorestamento das nascentes, entre outras técnicas que vêm ajudando tanto nas produções, como na conservação do meio ambiente.

As associações e cooperativas são as maiores parceiras desses pequenos agricultores, pois através delas é possível escoar os produtos. Por isso, é preciso dar valor às associações e ajudar os quilombos que não estão em dia com as documentações, pois só conseguirão avançar com as associações em dia. Entidades e organizações que possam contribuir é de suma importância, pois nesses Quilombo há muitos produtos, agroecológicos e de alta qualidade.

Acredito que precisamos e também podemos fazer mais, nós negros e quilombolas somos muitos, devemos valorizar os nossos trabalhos, nossos produtos, nosso povo e o sofrimento do nosso povo, mesmo sendo as vezes práticas que muitos consideram pouco ou inútil faremos pouco a pouco a diferença. Um exemplo é por que não começarmos a valorizar o produto do nosso quilombo ou dos quilombos vizinhos, ao invés de comprar de outras pessoas? Essa atitude fará muita diferença.

Os casos de erosões eram uma realidade frequentemente vista em vários quilombos de MG. Há uns 7 anos, víamos que quando começava o período das chuvas, os quilombos ficavam isolados, estradas esburacadas e tudo mais. Mas de certo tempo para cá, essa realidade foi mudando para melhor, isso porque os agricultores quilombolas começaram a perceber que o que causavam isso eram suas próprias ações indevidas com a mãe terra. E, a partir desse momento, começamos a mudar as nossas ações, as erosões foram acabando quando começamos a fazer barraginhas, plantações em níveis e reflorestamento em áreas degradadas.

Outra coisa que é muito importante destacar são os intercâmbios, através deles podemos conhecer experiências que dão certo em outras comunidades e assim implantar nas nossas. Através dos intercâmbios, os agricultores ficam mais animados em conhecer e trocar experiências. Lembro que quando os quilombolas da minha comunidade de Três Barras e Buraco fizeram um intercâmbio no Quilombo Santa Cruz, em Ouro Verde de Minas, eles voltaram muito animados e muito felizes por terem tido a oportunidade de conhecer o território e as plantações dos irmãos



quilombolas, mesmo sendo muito distante.

Boa parte dos quilombos sabem e desempenham muitas boas práticas da agricultura familiar quilombola, que apoiam na mitigação das mudanças climáticas. Isso porque como foi ressaltado acima, muitos jovens quilombolas, que antes achavam impossível ingressar em uma universidade federal pública, tiveram essa oportunidade. Isso foi muito bom porque somos filhos de agricultores e, com essa formação, podemos ajudar ainda mais a nossa família e nossa comunidade. Mesmo diante de tudo isso, não podemos esquecer que infelizmente essa não é a realidade de todos os quilombos. Existem muitas comunidades quilombolas que ainda precisam muito de ajuda em assistência técnica rural.

E por mais que as comunidades utilizem essa prática da agricultura, que não prejudica a nossa mãe terra, ainda vejo a necessidade de iniciativas de entidades que atuam com a assistência técnica para com essas comunidades. Infelizmente, algumas entidades incentivam práticas que não ajudam em nada a mãe natureza. Então, vejo que ainda são necessárias formações com agricultores sobre agroecologia e outras boas práticas que não prejudicam nosso meio ambiente.

Complementações

Sobre técnicas na produção agrícola, os nossos anciões quilombolas conhecem algumas práticas muito importantes. Antigamente, quando ainda não existia trator para aração de terra, o nosso povo usava a aração de arado puxado com boi, e a capina é através de duas capinas em que o mato seco fica por cima servindo de esterco e cobertura para a terra.

O povo quilombola tem o costume de planejar e preparar o local de plantio, fazendo assim a preparação do solo e também trabalhando no consórcio de plantas, ex: milho e feijão, intercalados. Isso faz com que se aproveite melhor a terra. Nosso povo também tem a prática de dar o descanso para a terra, isto é, plantar durante uns 3 anos e depois passar o plantio para outro lugar, dando à terra anterior um descanso para que ela se regenere e recomponha-se de nutrientes e vegetação nativa.

Nosso povo quilombola não utiliza agrotóxicos para controle de pragas e nem de vegetação, os nutrientes que as plantas precisam são adquiridos através das cinzas da queima controlada, das folhagens secas por cima do solo, das madeiras apodrecidas, etc. Em toda colheita, nós separamos uma boa parte do que colhemos para o próximo plantio, como as ramas da mandioca, sementes do milho, feijão, abóbora, quiabo, etc. Assim, fazemos a seleção das melhores sementes para deixar separado para o próximo plantio, isso faz com que os grãos colhidos na próxima colheita sejam melhores.

Os nossos produtos vindos da agricultura familiar quilombola são diferenciados dos demais produtos, pois os impactos negativos ligados ao meio ambiente são os mínimos possíveis. O nosso povo quilombola tem uma ligação muito especial com a terra, resultado disso são essas técnicas de produção muito importantes, que devemos valorizar cada vez mais, pois são práticas que não prejudicam o meio ambiente. Além disso, a forma de produção é sustentável, os nossos produtos banana, batata, abóbora e toda produção do nosso povo quilombola são saudáveis sem agrotóxicos. São produtos saudáveis prontos para ir para a mesa do consumidor.

As produções das comunidades quilombolas são de uma qualidade incrível e muito saudáveis. Além das produções agrícolas e das hortaliça, esses agricultores quilombolas também fazem doces, biscoitos, pimenta em conserva, entre outras variedades de produtos artesanais, que advém de produtos da agricultura familiar quilombola, em que o manuseio e todo o processo é feito artesanal.

É preciso de mais projetos como esse, que a ECAM e a CONAQ vem trabalhando para dar visibilidade para esses agricultores e essas produções. É preciso de fato conhecer o povo quilombola e seu modo de vida incrível e saudável, pois muitas vezes essas produções se perdem, por não ter pra quem vender, ou por serem vendidas a baixo custo pela pouca valorização do mercado.

Todos que estão envolvidos nesse projeto precisam compreender a importância dele e de fato ter um sentimento. Desejo realmente lutar para que, principalmente, esses quilombos mais esquecidos tenham dignidade e valorização pelo seu meio de ganhar a vida, dando-lhes condições de viver com dignidade sem deixar seu lugar, cultura e família.

Ter esse panorama é de suma importância. Entendo também que catalogar os produtos é muito importante para os quilombos e para que cidades vizinhas saibam onde encontrar produtos saudáveis e de qualidade.

O Povo Quilombola tem várias técnicas de preparo e produção dessas terras e dos alimentos produzidos por eles. Vimos alguns exemplos no início do texto, em que eles procuram respeitar e proteger o máximo as terras, buscando ver o clima, a Lua, a condição da Terra, entre outras técnicas. Um exemplo disso é que para afastar animais que aparecem nas lavouras, ainda hoje utilizam os espantalhos feitos de roupas velhas e plantas com cheiros fortes para afastar pragas.

Enfim, a sabedoria desses agricultores quilombolas é de extrema importância, vem dos seus ancestrais, sendo que até hoje mantêm a cultura e a qualidade dos produtos do meio ambiente.



PARAÍBA: BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

POR JOSIEL ALVES - ARTICULADOR ESTADUAL

Convivência com o semiárido

A Paraíba é um dos 10 estados que compõem o semiárido brasileiro, assim delimitados pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, diante das suas circunstâncias climáticas e de semiaridez. Ao longo dos anos, a região vem sofrendo diversos efeitos climáticos, em sua grande maioria causados pelo homem, que vê um potencial na vegetação caatinga para alimentação animal e para o cultivo, muitas vezes da monocultura, causando queimadas e assim destruindo o meio ambiente.

Um dos conceitos que vem sendo discutido por movimentos populares, organizações não governamentais e alguns setores governamentais é a convivência com o semiárido — um importante aspecto para diminuir as ações negativas contra a natureza, como desmatamento, retirada/expulsão de animais de suas áreas e interferência nos córregos de rios, nascentes. Já as ações no termo positivas podem ser enfatizadas como um ciclo cultural ancestral, algo que há séculos os seres humanos e a natureza viviam em harmonia, contudo as inovações tecnológicas, expansão de culturas únicas como milho, soja e cana-de-açúcar, foram tomando espaços cada vez maiores.

Nossa fauna e flora estão diminuindo gradativamente, por causa dos efeitos climáticos. Nossa atmosfera a todo instante está sendo poluída pela dispersão de gases tóxicos, oriundos de indústrias e queimadas. Mas, a pequenos passos, agricultoras e agricultores vêm disseminando práticas sustentáveis, no sentido de conscientização, formação e produção, mostrando que é possível uma relação de troca com a natureza, não sendo mais a relação de apenas retirada das matérias-primas de um determinado espaço.

Experiências quilombolas na Paraíba e a proteção do meio ambiente

Os quilombos da Paraíba ainda buscam preservar a fauna e flora da Caatinga, buscando a convivência com a mãe terra, seja na produção de mudas nativas do semiárido, vinculadas ao plantio em áreas degradadas; no cultivo da agricultura tradicional, ligada a consórcios; ou plantando culturas agrícolas no mesmo espaço (roçado), como milho, fava, feijão, melancia, jerimum, abóbora, quiabo, macaxeira, inhame, cará e hortaliças, heranças passadas de pais para filhos e que até hoje predomina.

O cuidado com a terra na hora de plantar é algo fundamental para o desenvolvimento das plantas. Nesse sentido, os quilombolas na Paraíba ainda têm a tradição do corte de terra no arado com tração animal, a prática de virar a terra acontece a cada 1 ano ou a cada 2 anos, quando vai fazer um novo plantio. Essa prática acontece desde antigamente, isso minimiza a compactação do solo e assim não perde muitos nutrientes na época das chuvas. Contudo, essa tradição tem perdido espaço para o maquinário, a exemplo dos tratores que danificam mais o solo.

Em contrapartida, os agricultores têm plantado em consórcios e adubado o solo com esterco animais e restos da plantação antiga, com isso o solo não é tão degradado. As práticas também incluem uma capinagem ralar, sem derrubar ou realizar queimadas, onde a utilização de biofertilizantes, defensivos naturais, caldas de folhas de plantas ou frutos são usados no combate a pragas naturais. Além disso, a interação das plantas que, agem como defensivos naturais, não ocasionam muitas perdas na plantação, porém ainda percebemos o uso de venenos em algumas produções, em vista desses agricultores quilombolas acharem que é uma via mais fácil de eliminar as pragas das plantações, sem perceber os danos na saúde e na terra. Nesse sentido, a formação nas associações e cooperativas tem sido o ponto principal para levar o conhecimento para os quilombolas para terem uma melhor produção e perceber os impactos negativos dos agrotóxicos.

Além do cuidado na hora do corte da terra depois do plantio, as culturas agrícolas começam a brotar, assim inicia-se a limpeza manual, com ferramentas como a enxada, que consiste na chegada de mais terra no pé da planta, para que ela se desenvolva melhor, e para a retirada de ervas daninhas que nascem no meio da plantação, assim servido de adubação verde no solo. O arado com tração animal também é usado nesse momento, com outra lâmina chamada cultivador, que só retira aquelas plantinhas perto das culturas plantadas no local e vira a terra para mais próximo dos caules. A preparação de canteiros de hortaliças também passa por um processo semelhante. O manejo dos insumos para o preparo da adubação tem origem orgânica, como esterco de animais (galinhas, bodes e bovinos), capim seco, para cobertura do solo, e até solos de beiras de rios, ricos em nutrientes para as hortas.

Uma importante prática que tem se fortalecido nos quilombos da Paraíba é a criação de bancos de sementes crioulas coletivas. Essa cultura de armazenamento de sementes em garrafas de plásticos foi passada pelos antepassados e possibilita que as sementes sejam protegidas de pequenos insetos ou umidades, sendo conservadas por alguns anos e pronta para o plantio. A rotação de sementes dos agricultores, ou troca de sementes,

acontece a cada novo plantio e colheita, preservando as culturas nativas daquela região.

Algumas políticas públicas que deram um grande suporte para os agricultores foram a construção de cisternas de placas, com duas etapas: água 1, para o consumo de casa, e água 2, que é a cisterna de calçadão para o armazenamento de água para os animais e para o cultivo de hortaliças e frutíferas. A água é um importante elemento para a produção e a sobrevivência dos agricultores quilombolas. É possível destacar iniciativas, como o plantio em curvas de níveis, que servem para ter uma melhor infiltração da água no solo e também sua preservação. As barragens subterrâneas, como proposta para o plantio de plantas forrageiras nativas e outras culturas agrícolas, têm a composição de uma vala (buraco), revestida com uma lona específica para o armazenamento de água, onde é coberta pelo próprio solo retirado daquela vala, o que possibilita o agricultor cultivar em cima, pois a água das chuvas vai ficar infiltrada no subsolo. A recuperação de nascentes de rios e a plantação de mudas nativas também faz parte dos cuidados com o solo, pois é da terra que se tira os principais subsídios para a sobrevivência humana.

Desafio na produção orgânica nos quilombos

A produção orgânica é um grande desafio para os agricultores, especificamente para os quilombolas. A existência de problemas para a execução de uma produção orgânica em grande ou pequena escala se dá em diversos fatores, mas levanto um principal problema que é a falta de políticas públicas de incentivo e financiamento dessas produções, necessários para preservação do meio ambiente. As políticas de produção, preservação e comercialização podem ser de grande impacto positivo para a convivência com o semiárido, pois em funcionamento e bem desenvolvidas é possível alcançar uma conscientização mais forte de preservação. Com isso, adentramos em outro fator mais interno, que é a formação, onde o reavivamento de culturas ancestrais vai brotando novamente, como em pequenas produções orgânicas, que mostram aos agricultores quilombolas a possibilidade de subsistência e geração de renda da sua propriedade.

A caminhada é longa para termos alimentos saudáveis em nossa mesa e vida digna para nossos povos, mas movimentos populares, organizações não governamentais, instituições públicas e algumas privadas têm iniciado formações para os produtores começarem seus plantios. A preservação de sementes crioulas é um dos pontos principais que é debatido. Na Paraíba, alguns quilombos têm preservado suas sementes crioulas, criando bancos de sementes e iniciando suas produções orgânicas para o consumo e comercialização em feiras livres e casas de economia solidária.



QUILOMBO MESQUITA (GO): BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR

POR SANDRA BRAGA - ARTICULADORA ESTADUAL

Mesquita é uma comunidade quilombola que se encontra a cerca de 50 km de Brasília. Localizada em uma área rural no entorno do Distrito Federal, os quilombolas lutam para manter suas raízes na produção rural. Muitos são os desafios dessas produções, pois o meio urbano está a cada dia colaborando para a mudança na forma do plantio do pequeno agricultor.

As origens do Quilombo Mesquita remontam ao ciclo do ouro, no século 18. A corrida ao metal levou à criação de várias vilas no interior de Goiás – entre as quais Santa Luzia, fundada em 1746, hoje conhecida por Luziania. Negros escravizados compunham a maioria da população na região. Conta-se no quilombo que, com o declínio da mineração, o capitão português Paulo Mesquita resolveu abandonar Santa Luzia e deixou uma fazenda para três escravas alforriadas. Com o tempo, outros se juntaram à comunidade chefiada pelas mulheres – muitos deles escravizados em busca de refúgio e que, para chegar lá, percorriam estradas de gado que ligavam Goiás a Salvador e ao Rio de Janeiro.

Após a Constituição de 1988 determinar a demarcação de quilombos, muitas comunidades se mobilizaram para obter os títulos das terras. No Quilombo Mesquita, o primeiro passo ocorreu em 2006, quando a Fundação Cultural Palmares (subordinada ao Ministério da Cultura) o reconheceu como uma comunidade remanescente de quilombo. Cinco anos depois, o Incra publicou o Relatório Técnico de Identificação e Demarcação da comunidade, definindo sua extensão em 4,3 mil hectares – o equivalente a 4 mil campos de futebol.

Na questão ambiental, o quilombo Mesquita se destaca em alguns pontos. A preservação ambiental sempre foi um papel desempenhado pelos moradores, pois o modo de viver sempre foi em comunhão com a natureza. Em cada quintal do quilombo, sempre havia presença da natureza e de pequenas hortaliças que eram regadas com águas das minas que nasciam do chão. Um outro ponto importante a ressaltar nas questões que ajudam na preservação climática, são os canais de água que distribuem água pelo quilombo. Nominados pelos moradores de “Regos da água”, esses canais percorrem o território de forma natural, por gravidade, distribuindo água para os moradores. Essa água é captada nas nascentes localizadas em alguns pontos do quilombo.

Os canais foram construídos pelos primeiros moradores, há mais de 200 anos, respeitando a natureza e compartilhando esse recurso hídrico com as demais pessoas que compõem o território, assim também com os animais que também usufruem dessa água. Com essa tecnologia, o clima é beneficiado, pois como a água percorre de forma natural, a umidade acaba chegando em todos locais. Outro ponto que os regos da água favorecem na agricultura familiar, é que eles servem de meios de irrigação para as hortaliças, além de abastecer as cozinhas de alguns moradores.

Como citado, o quilombo possui mais de 270 anos de existência cultural, e com as aproximações da urbanização aos arredores, várias questões dos fazeres quilombolas dentro do território sofreram mudanças. Há aproximadamente 40 anos, o modo de viver era totalmente diferente, os trabalhos eram basicamente rurais, mas hoje essa realidade está

totalmente mudada, por vários fatores. Antigamente, os povos mais velhos tinham outros modos de cultivar seus produtos rurais. Segundo relatos, o manejo da terra para o plantio era feito somente com enxadas para afofar a terra, sem a necessidade de adubos orgânicos, pois a fertilidade do solo era muito rica em nutrientes.

Outro ponto lembrado era que as chuvas ocorriam em um longo período, ajudando a conservar a umidade do solo. A qualidade das sementes também era um fator importante, pois a qualidade delas eram melhores que as atuais, pois os produtos davam em maior quantidade e qualidade. Para combater as pragas, os quilombolas usavam chá de folhas, como a de fumo e de mamona, vinagre com sabão de coco e urina de vaca também eram usados; elas eram jogadas nas plantações e espantavam os insetos. E além desses produtos serem usados para sustento da família, eles serviam de comida para os animais silvestres, pois como havia a grande quantidade de matas ciliares aos arredores das plantações, os bichos também usufruíram.

A urbanização está influenciando de forma muito negativa, pois há a presença de muitos condomínios e loteamentos que não respeitam a questão ambiental dentro da comunidade. O desmatamento está crescente e a poluição das águas está cada dia pior, o que acaba prejudicando em parte o manejo e a produção agrícola e condicionando a mudança climática.

Outro ponto a ser ressaltado é a presença da monocultura dentro do quilombo. Grandes plantações de soja estão sendo realizadas de forma irregular, sendo autorizados por órgão públicos locais que deveriam defender a preservação ambiental. Todas essas plantações são lideradas por grandes fazendeiros latifundiários que estão dentro de Mesquita. A grande quantidade de agrotóxicos usados nas plantações prejudicam diretamente na vida das pessoas locais.

Medidas de reflorestamento com plantas frutíferas do Cerrado e outras para recuperação ambiental são realizadas dentro do quilombo. Há um trabalho feito para que as pessoas possam plantar e colher esses frutos para serem vendidos nas feiras e em programas do governo — essas ações visam gerar rendas e promover a conservação ambiental. O trabalho é de formiga, mas como o atual governo compõe o município, esse trabalho se torna mais complicado, pois ele não nos apoia e prega a questão do combate a preservação ambiental, infelizmente. Mas mesmo com toda essa mudança climática e de espaço, muitas pessoas dentro do quilombo continuam produzindo suas hortaliças e plantios de roça com adaptação aos novos meios de produção.

Com o passar do tempo, foi necessário realizar mudanças de manejo, mas a questão essencial é que o produto orgânico foi mantido. Hoje, há a necessidade do uso de adubos orgânicos na terra, que são feitos de estrume de galinha, gado e porco. Para combater as pragas, os agricultores ainda usam os chás de folhas, e outros produtos orgânicos que são comprados. Todas essas formas ajudam os quilombolas a serem destaques nas feiras orgânicas das regiões, tendo preferência dos compradores que conhecem a procedência natural e segura dos produtos.



TOCANTINS: BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

POR DÉBORA GOMES LIMA - ARTICULADORA ESTADUAL

O estado do Tocantins está inserido quase que totalmente no bioma Cerrado. A vegetação do Cerrado está associada ao clima tropical continental, com uma estação chuvosa e outra seca, além de possuir árvores retorcidas, arbustos e vegetação rasteira. Atingido pela construção de Brasília e das rodovias que ligam a capital, esse bioma vem sendo degradado rapidamente por causa do crescimento da agropecuária, o cultivo de soja, eucalipto e o aumento das queimadas. Entre os impactos ambientais causados, estão o aumento das emissões de gases de efeito estufa e as mudanças climáticas.

As Comunidades Quilombolas do Tocantins são aliadas na conservação do Cerrado, vivem nele há muito tempo e contribuem para a diminuição dos impactos ambientais e das mudanças climáticas. São verdadeiras formas alternativas de organizações livres e comunitárias, que vivem principalmente da agricultura familiar e do extrativismo. As práticas e saberes que foram herdados, vêm sendo compartilhados por anos e colaboram na conservação dos ecossistemas, através do cuidado com a biodiversidade, com a manutenção dos ciclos da natureza e com a baixa emissão de carbono. As boas práticas estão na forma como cuidam das águas, das sementes, do solo, em como plantam e criam seus animais e como se relacionam em harmonia com o meio necessário para a manutenção da vida.

Nesse sentido, citamos a seguir algumas das boas práticas, por meio da agricultura familiar quilombola, que apoiam na mitigação de mudanças climáticas.

Defesa do Cerrado

Conhecido como berço das águas, a manutenção do bioma Cerrado é necessária para o equilíbrio ambiental. As comunidades quilombolas, como um dos povos desse bioma, detêm conhecimentos tradicionais da sua biodiversidade que contribuem para a preservação. Coletando frutos nativos regionais, castanhas, óleos, além de animais para a caça consciente, até hoje os extrativistas dessas comunidades respeitam o ecossistema, possuem um conjunto de saberes que permite a conservação das águas e da biodiversidade. Assim, convivem em harmonia com o bioma, utilizando os recursos naturais de forma consciente, reduzindo o desmatamento, as queimadas, preservando o ciclo hidrológico e diminuindo o uso de agrotóxicos.

Proteção da mata ciliar

A mata ciliar é a vegetação que circunda os córregos, rios e riachos e é parte fundamental de um ecossistema. Elas mantêm a qualidade da água, a estabilidade dos solos, prevenindo erosões, além de regularizar o ciclo da água e das temperaturas. Em relação a qualidade da água, a mata ciliar diminui assoreamentos causados pela chuva e impede que entre poluentes na água, uma vez que as raízes das plantas deixam o solo protegido. As comunidades quilombolas conservam as matas ciliares, pois compreendem que são essenciais na biodiversidade e são barreiras naturais para pragas e doenças na agricultura. A conservação dessas áreas ameniza a sensação térmica, baixando a temperatura e absorvendo dióxido de carbono.

Policultura

Essa prática consiste na produção de muitas culturas na mesma terra e, ao mesmo tempo, integra vários tipos de árvores, arbustos e plantas, além da criação de animais. Criar animais ao mesmo tempo que se planta, aumenta a diversificação da produção, usa-se menos terra e reduz os riscos causados pela mudança climática, pois podem sequestrar mais carbono com árvores. Além de não realizar desmatamento, possui um combate natural às pragas e doenças. A plantação não utiliza fertilizantes ou agrotóxicos e conserva o solo por meio da rotação de culturas. Assim, uma vez que o solo começa a ficar infértil, muda para uma outra área esperando um tempo de descanso. Por isso, podemos dizer que é uma forma de agroecologia, pois protege o meio ambiente, evitando o desmatamento. As comunidades seguem em preservação do meio ambiente, da fauna e flora, mesmo utilizando a terra para plantar, sempre fizeram de forma sustentável, retirando da terra apenas o suficiente para o consumo e produção. As comunidades quilombolas possuem distintos tipos de roças, que são caracterizadas por serem tradicionais e que há preocupação com a preservação, como:

Roça de Toco ou coivara

Consiste na derrubada e queima de uma pequena parte da área de vegetação, para, posteriormente, fazer o plantio nessa área por dois anos ou três. Toda a vegetação retirada na derrubada, desde árvores, folhas e frutos, é utilizada o máximo possível, como exemplo: usar a madeira para fazer casas, lenhas, carvão, e usar a folhagem e raízes como adubo. Após o período de plantação e colheita, essa área é preservada deixando a vegetação crescer novamente.

Roça de vazante ou roça de esgoto

Sua característica principal é a utilização das faixas de terra que ficam próximas aos rios, açudes, córregos e igarapés. No período chuvoso, essas áreas ficam cobertas de água e quando chega a seca é descoberta. Assim, faz-se a limpeza da área e começa a plantar, pode-se fazer covas viradas ou covas no plano. Covas viradas são para plantar mandioca, batata-doce, cenoura e beterraba, que crescem dentro da terra. E covas no plano para plantios de curto prazo, como feijão e melancia.

Essas são alguns tipos de roça de maior predominância em comunidades quilombolas no Tocantins, livre de agrotóxicos, utilizando o que é oferecido pela natureza para o consumo e a venda local, tudo em harmonia desde o plantio até a colheita, adubos 100% natural, retirado da terra apenas para o necessário, sem trazer impactos significativo de forma negativa. Tudo é levado em consideração: período chuvoso, período seco, lua, sol e até mesmo estrelas são fundamentais. Tudo engloba o conceito de agroecologia e uma vida sustentável, em que se recebe da natureza e devolve para ela em formas de respeito e preservação. Essas práticas citadas são saberes tradicionais passadas de geração em geração.



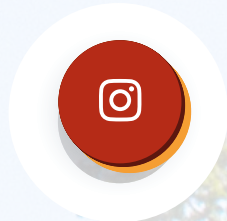


CONAQ

/conaquilombos

@conaquilombos

@conaquilombos

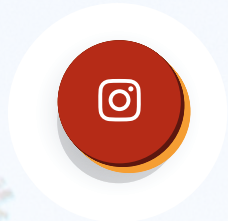


Ecam

/ecamequipe

@equipeecam

@equipeecam



Realização



Coordenação Nacional de
Articulação das Comunidades
Negras Rurais Quilombolas

